



## MÃE ANA: OS FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA DOS ENCANTADOS [SALGADO PARAENSE]

### *MOTHER ANA: THE FUNDAMENTALS OF THE SCIENCE OF THE ENCHANTED [SALGADO PARAENSE]*

Jerônimo da Silva e Silva<sup>1</sup>

#### RESUMO

O artigo apresenta a trajetória e a cosmovisão de Mãe Ana, rezadeira centenária iniciada junto aos príncipes e princesas encantados do “fundo oceânico”, moradora da Vila de Japerica, região do Salgado paraense. Por meio de pesquisa de campo antropológica pretende-se analisar como a narradora elabora o que denomina de “ciência dos encantados” a partir das noções de “máquina de rezar”, “pé de mandioca” e “contas”, estes últimos termos utilizados pela rezadeira para explicitar a dinâmica dos corpos no mundo, as noções de saúde e doença e a capacidade transformacional dos encantados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciência dos Encantados; Rezadeira; Amazônia.

#### ABSTRACT

The article presents the trajectory and cosmovision of Mãe Ana, a century-old mourner, initiated with the princes and princesses of the “fundo oceânico”, resident of Vila de Japerica, in the Salgado region of Pará. Through anthropological field research, we intend to analyze how the narrator elaborates what she calls “Science of the Enchanted” from the notions of “máquina de rezar”, “pé de mandioca” and “contas”, the latter terms used by the mourner to explain dynamics of bodies in the world, the notions of health and illness and the transformational capacity of the enchanted.

**KEYWORDS:** Science of the Enchanted; Mourner; Amazon.

#### INTRODUÇÃO

A crença nos encantados é compreendida nos estudos sobre cultura como um fenômeno religioso elaborado a partir da herança de determinadas culturas indígenas, com

---

<sup>1</sup>Doutor em Antropologia (PPGA/UFPA, 2014), Pós-doutorado (2016-2018) no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA). Está em atividades de Pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais (PPGPS), Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) no âmbito do Programa de Cooperação Acadêmica da Amazônia (PROCAD-AM). Professor Adjunto na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará; Lotado no Instituto de Ciências Humanas - Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA/UNIFESSPA) e no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST/UNIFESSPA) [jeronimosilva@unifesspa.edu.br](mailto:jeronimosilva@unifesspa.edu.br)



aspectos de religiões afro-brasileiras e do catolicismo dito popular. O processo colonizador, através das formas de dominação cultural bem como as mediações culturais, possibilitou, segundo alguns autores, a concepção e inserção dos seres denominados de encantados no quadro mais amplo das crenças no território brasileiro, nesse sentido, se trata mais de compreender tal formação como um amálgama de vários elementos culturais do que atribuir-lhes uma origem específica e singular (WAGLEY 1977; GALVÃO 1975; VERGOLINO-HENRY, FIGUEIREDO 1990; MAUÉS 1990; PRANDI 2004; SARRAF-PACHECO 2010, p. 88-92).

Nesse sentido a crença nos encantados é marcada pelas singularidades dos encontros culturais, não somente com múltiplos níveis de variação nos ritos e conformação, como tem passado nos últimos cento e vinte anos pela interação com o espiritismo, cristianismo evangélico e outras crenças ditas xamânicas no campo e em contexto urbano, para ficarmos com alguns exemplos. Quando se fala em encantados, portanto, nos reportamos a entidades com diversas origens, definições e finalidades (SANTOS 2007; FERREIRA 2006; VILLACORTA 2011).

Acompanhando algumas produções acadêmicas sobre o tema é possível indicar algumas características amplas e recorrentes sobre os encantados, sempre com a ressalva de que os aspectos genéricos não minimizam as particularidades. Os encantados podem ser definidos como: a. seres guardiões da floresta e dos seres vivos que lá habitam, presentes desde tempos imemoriais, também são tido como interlocutores de deuses criadores (DE SOUZA 2011; FERRETTI 2001; CASCUDO 1983); b. seres associados a pessoas e animais que em determinado momento desapareceram em rios e florestas, passando para um tipo de “plano” em que possuem a capacidade de viver em locais encantados (encantarias) como cidades localizadas no fundo dos rios, debaixo da terra e no interior das raízes das árvores, se manifestando em terreiros de religiões afrobrasileiras ou afroindígenas, por meio da intercessão do pajé, curador, médium ou rezador, com variação que depende do contexto religioso (MAUÉS 1995; SILVA 2011; FIGUEIREDO 1982; FIGUEIREDO 2008; SILVA 2019); c. seriam ainda pessoas que se encantaram, não passando pela morte, portanto estariam em uma posição intermediária em relação aos vivos e não vivos, por isso a capacidade de se manifestarem encantados (transformados ou sob aparência) em pessoas e animais, podendo



lançar ataques ou bendizer as pessoas que lhes atravessam o caminho (SILVA 2018, p. 28-57; WAWZYNIAK 2003; ASSUNÇÃO 2004, p. 182-215).

O esboço sobre as possibilidades de manifestação ontológica dos seres encantados acima apenas ilustra rapidamente a vasta e múltipla compreensão sobre o tema. Os encantados, como o diz o termo nomeador, são e estão em constante encantamento, quer dizer, vivem em permanente transformação ontológica, sempre na liminaridade do “ser-outro” ante o olhar de quem o contempla. Pois como se sabe, é um predicativo do encantamento o poder de exercer o fascínio sobre quem o contempla e ao mesmo tempo ser inapreensível.

Embora os estudos sobre os encantados sejam caracterizados por abordagens tidas como “clássicas”, a exemplo dos estudos de Antropologia e Sociologia, temos testemunhado novas possibilidades analíticas em pesquisas na área da Museologia, História, Geografia, Educação dentre outros, e certamente não são poucas as contribuições em tais abordagens, ampliando aportes teóricos e metodológicos (PINTO 2010; MOTA NETO 2008; OLIVEIRA 2012; AHLERT 2013). Mas o que dizer quando os rezadores ou curadores deixam de ser alvo de investigação e passam a propor, indiretamente ou não, certo questionamento sobre o conhecimento que os pretende estudar? Como se comportar quando essas pessoas que convivem com os encantados no cotidiano das incorporações nos terreiros nos propõem, não uma ciência *sobre* os encantados, e sim uma ciência *dos* encantados? As pesquisas sobre encantaria, nessa perspectiva, deixam de ser tão somente um deslocamento do pesquisador para o esforço de sistematização e análise unilateral dessa realidade e passam a exigir certo deslocamento e problematização dos próprios pressupostos que mobilizam o pesquisador, instigado justamente pelas formulações conceituais das formas próprias oriundas das relações entre a rezadeira e os encantados.

A partir de tais interrogações e do consentimento verbal da narradora para a gravação dos relatos e registro fotográfico durante a pesquisa de campo, o artigo apresenta a cosmovisão de Mãe Ana, uma rezadeira da Vila de Japerica, região do Salgado paraense, aborda a sua compreensão das dinâmicas dos corpos no mundo, das formas de afetação entre os encantados, animais não humanos e plantas, valorizando, de forma mais específica as formas próprias que a rezadeira detém para explicar o trânsito dos corpos em processos de adoecimento e cura. Ao percorrer o rito de iniciação de Mãe Ana, as memórias no exercício da cura e a interação com os encantados do “Fundo Oceânico”, o artigo inicialmente apresenta as memórias de infância e



juventude da narradora, posteriormente se detém sobre as noções de “Pé de Mandioca”, “Máquina de Rezar” e “Contas”, termos decisivos nas elaborações de Mãe Ana para fundamentar o saber a que denomina de “Ciência dos Encantados”.

### “A vida que não cabe no livro” - Mãe Ana

Nascida no dia 13 de agosto de 1913 no Rio Grande do Norte, Mãe Ana é Filha de Luís, um tocador de Hamônica (sanfona) que também mucrevava (marreteiro) frutas, rapadura, cana-de-açúcar com oito jumentos pelo interior do Rio Grande do Norte, com Madalena, mãe da narradora, e responsável pela “banca” de venda. A família foi abandonada pelo pai no dia de Natal de 1919, quando tinha 06 anos de idade. Deste período até 1923 a família passou inúmeras privações econômicas e, não raro, foram os momentos de fome e abandono. Graças a um padrinho chamado de Raimundo Ferreira, prático de embarcação no Porto de Belém, e com os benefícios do Major Magalhães Barata, foram viver no Pará. Alguns anos após a chegada ao Pará, a mãe adoeceu gravemente, tendo falecido em 1929, a partir daí sua vida seria conduzida pelas irmãs mais velhas. Esse período parece ter sido indicado como de maior sofrimento.

Ora, quando minha mãe morreu faz muito tempo, né? Já faz umas duas Era, que eu que tô com mais de cem, na época era bem uma criança quase né? (...) Aí fui sofrer seu menino, apanhar nesse mundo dos outro que nem cachorro sem dono. É triste coisa meu irmão, é triste coisa um filho no mundo sem pai nem mãe, só na garra dos outro – era na base da lei dos escravo quase – as minhas irmãs eram só por parte de mãe, quando me pegavam pra bater se não tivesse ninguém pra acudir me deixavam mole mesmo, quase morta no chão. A minha irmã Salvina era a mais rigorosa, nunca teve filho (...) nas irmãzinha ela descontava (risos). É uma coisa que até hoje choro de desgosto. Mãe Ana, 101 anos. Depoimento citado.

A intensidade dos castigos físicos é descrita entrelaçado a três aspectos: consequência da ausência materna; da violência de uma das irmãs e, principalmente, das referências à “Eras da escravidão”. Esse período elencado e presente na história da narradora tinha sido indicado a mim por moradores locais, pois, ao descreverem Mãe Ana, associavam-na como alguém “vivido na época dos escravos”; de fato, memórias desse período vêm à tona ora como experiência passada, ora mediante ensinamentos repassados por sua avó materna na infância. Esta, segundo ela, guardava marcas de ferro nas costas e perna quando trabalhava tirando malva e no algodão na época do “Rei D. Pedro”.



Enquanto trabalhava e vivia com a irmã tinha sido negado qualquer possibilidade de entretenimento ou outra atividade qualquer, sob pena de espancamentos “quase sem fim”, da mesma forma com que sofria ao ouvir as músicas dos arraiais e festas da localidade enquanto ela precisava “varar noite costurando roupas para os filhos dos barão”. Se o casamento veio aos 18 anos, e com ele a esperança de viver e trabalhar para si, distante das pressões de alguns familiares soava como um ideal, na prática, mesmo tendo vivido bem com o marido, este a mergulhara em andanças até paisagens do nordeste brasileiro.

Eu só me saí dela depois que casei com um cearense do Ceará-Mirim, o nome dele era por José Rodrigues de Souza, nisso tinha uns 18 anos, nós tinha nossa casa, nosso cavalo, roçado, criação de pavão, galinha e tudo, mas de repente endoidou para ir pras Minas de Maracaúna e nós fomos, eu com uma menina de oito meses no braço, nós deixamos tudo pra trás! Foi oito dias a pé de Carapatinho até Maracaúna. A vida da gente é um romance, né? O que eu conto não cabe nem se pôr num livro, não dá nem metade, eu já andei muito pelas Mina do Macaco, Mina do Grajaú, pelos Altos da Mina das Pedra no Cachoeira, se eu lhe contar você não vai acreditar (...) é uma coisa muito interessante, muito interessante mesmo, lá nessa Mina (Cachoeira) tem umas pedra de mármore que parece uma porta assim bem grande mesmo, sabe? Essa pedra tem época que amanhecia aberta, tempo que ficava fechada e tempo que ficava pela metade, sabe? Diziam que era a pedra encantada por onde Jesus passou, só pode ser, né? Lá tinha aqueles que sabiam que era sinal dos príncipes e princesa, tinha uns que só de olhar sabiam se ia chover ou fazer verão noutro dia, saber os encante é difícil, isso é uma ciência muito grande, né? Sabe? A ciência dos encantados é assim. Mãe Ana, 101 anos. Depoimento citado.

Mãe Ana narrava com uma velocidade surpreendente, renunciando qualquer pretensão descritiva em contrapartida da intensidade da experiência da narradora, havia na força-fluxo do tear mnemônico a possibilidade de, a partir de qualquer local ou informação dada, ser desdobrada em outros planos do passado, qualquer linearidade narrativa preterida por mim, poderia desaguar, por exemplo, nos tipos de pavão e galinhas que passou a criar na Mina do Macaco, ou ainda na qualidade dos fumos cortados na Mina do Grajaú, das pedras, pesos, valores e relações comerciais desse lugar.

Impressionada ainda hoje pelas imensas pedras de mármore das Minas de Pedra de Cachoeira, passa a descrevê-las como portas que se moviam de acordo com dias e horários específicos, sendo esses movimentos fundamentais para que os moradores percebessem mudanças climáticas, cheias de rios ou qualquer mudança significativa. Essas pedras de mármore são os locais de comunicação estabelecidos por Príncipes e Princesas da encantaria local, portais de acesso e interação onde encantados transmitiam saberes àqueles capazes de ler mudanças “naturais” e “sociais” em marcas, rugosidades, rachaduras e manchas nas pedras.



A Ciência produzida pelos encantados do fundo – refiro-me a sua habitação no interior da cachoeira – e decifrada por seus “cavalos” ou portadores do “dom” é um tema enfatizado pela narradora em tom de admiração algumas vezes, em outras, sendo algo a ser evitado. A afirmação e negação da “Ciência dos Encantados” dependia do contexto das conversas; quando falávamos de cura e proteção as entidades eram apresentadas como “benditas”, quando a conversa enveredava pelas “salas de pajés” o tom negativo e demonizador emergia.

Os saberes presentes nas práticas de cura de Mãe Ana brotam como resultado de experiência com “experientes” adquiridos em inúmeros locais por onde percorreu, até a morte do marido, quando, mesmo apenas com os filhos, continuou por outras andanças:

Passei quatro anos no mundo sem saber o que comer, Bragança, Maranhão, Tacianteua, Tentuga, Cabeça de Porco, Açaitéua, Ticianteua, Quatipuru, Muraí, Turiaçu, Maracaúna, do Rio Grande do Norte ao Pará sei tudo, lá eu conheço Guica, Lapó, Ponte do Igapó – lá onde passa o trem de ferro e madeira, lá passa um rio sem fim, obra dos flamengos, lá do começo do mundo – Natal. Afinal o mundo todo. Fui deixada em Maracaúna pra sofrer lá, na casa de uns conhecidos dele, uns cearenses lá. Por que ele não me trouxe pra Bragança pelo menos, né? Quando chegou aí ele pegou gripe, era um tempo de gripe forte no Brasil, mas nesse tempo caiu na besteira da tomar injeção, você sabe que quem tá com gripe não pode tomar injeção porque se não cai em desgraça mesmo, esse não levanta mais, dificilmente melhora, é muito difícil quando tá encatarrado, aí ele piorou e morreu. Mãe Ana, 101 anos. Depoimento citado.

Mãe Ana queixa-se, sobretudo, do fato de seu ex-marido não ter buscado ajuda de pessoas “experientes”, pois se refere à cidade de Bragança como um dos locais onde os encantados seriam mais fortes. Testemunhou nesse lugar feitos surpreendentes de cura e providência efetuada pelas entidades; uma delas seria a existência de uma Cobra Encantada no rio Caeté, dotada de olhos luminosos nos chifres capazes de curar todo tipo de malfazejo através da “lágrima dos olhos”.



Fig. 01. “A Vida é um Romance”: Mãe Ana, 2013.

Os deslocamentos entre vilas e cidades e formas diversificadas de aprendizado compõem traços significativos de como se tornou uma “rezadeira protetora”:

E aí? Eu fiquei sem saber de nada sem eira nem beira, que nem bicho bruto trabalhando, carregando cascalho na parriola, puxando pedra, arrancando raiz pra comer um bocado. Fiquei no Piriá, lá arrumei uma família, me consideraram como uma filha, cuidei da mulher doente, passava remédio e era tratada como uma irmã, depois fui pra Piciateua e fui morar com uma dona muito trabalhadeira, ela rezava era muito, era a finada Raimunda Moraes. Às vezes me dava roupa, chita, saco de sal pra fazer coberta, pano de vestido, roupa de saco de trigo! Dava de presente manta pras minhas amiga tudo, sabe? Às vezes quando vinham eu dava pros outro era muito. Pano e reza dá até pra proteger, né? Ah meu filho! Eu não conto um quarto da minha vida! (sobre o dom de rezar) Isso é o sinal da capacidade da nascência, (pois) vira uma categoria de pessoa de Deus, virando o corpo fechado com uma proteção permanenciosa. Porque a gente por dentro é como um pé de Mandioca, por assim, né? As coisas vão ficando por dentro rodando tudo. Olhe, eu sou uma velha que vejo tudo (...) Mãe Ana, 101 anos. Depoimento citado.

Sempre ao direcionar a narradora para falar sobre o aprendizado de rezas e cura, a memória intensificava a quantidade de informações sobre os tipos de trabalho realizado no campo e no ambiente doméstico, principalmente aquele associado à costura voltada para confecção de roupas e mantas. Ao enveredar pelas lembranças da iniciação com os encantados de imediato ergueu-se da cadeira e encostou lentamente numa antiga máquina de costura coberta com lençol branco, imagens de santos e algumas velas para, discretamente, remover uma cabeça de alho do altar para o bolso, uma precaução contra as possíveis “energias ruins” do autor deste texto, que se apresentara como “professor”.



Suas rezas são consideradas como “dom” que torna a pessoa próxima de Deus, a proteção “permanenciosa” é “especialidade” desse atributo, ainda que entendida originariamente por serem adquiridas desde o nascimento, aprendeu muitas rezas observando a atividade da falecida rezadeira Raimunda Moraes. Mãe Ana associava o aprendizado das rezas com a realização de costuras, a habilidade em manusear agulhas, linhas, “fazer pontos”, “desfazer nó”, fiar e desfiar tecidos, compor mantas, fraldas, lençóis a partir de tecidos diversos e retalhos deixados por terceiros, entremeando rezar e costurar.

### **Máquina de Rezar**

Diversas expressões e termos tidos como específicos das práticas de costureiras são transfigurados para designar doenças, problemas, estrutura e composição do ato de rezar. Muitos requerentes, principalmente crianças e mulheres enfermas recebiam de Mãe Ana, após rezas e tratamentos específicos, mantas, cobertas e fraldas que tinham a capacidade de proteger, sarar e atender as demandas.

Rezar é costurar. Assim Mãe Ana compreende o processo de comunicação e petição das pessoas com os encantados. As entidades denominadas de encantados são esparsas, de todos os tipos e com variados efeitos nas pessoas, portanto as doenças ou problemas vividos precisariam ser adequados, costurados, alinhados, recortados e consertados, assim as rezas seriam parte desse processo de arranjo e rearranjo plasmados nos tecidos e roupas distribuídos. A reza não é uma mobilização metafísica, religiosa, tal como se apreende na perspectiva acadêmica, nem tão pouco o ato de costurar um ofício manual, manufatureiro ou eventualmente industrial.

O aperfeiçoamento e intensidade das habilidades vieram com a aquisição de uma máquina de costura. A aquisição da máquina, dinamiza coextensivamente a multiplicação das rezas a *produção de proteção* ou *produção de produção de rezas* voltava-se para a capacidade de unir, separar e recompor tecidos esparsos, isto é, a proteção produzida pelas rezas era mobilizada paralelamente pela produção das mantas na máquina de costurar, tornando umbilical a produção da manta à produção protetiva do ato de rezar! As filas de mães com crianças e parentes enfermos na porta da casa da narradora indo em busca de rezas e mantas ou roupas, ou a entrega de “agrado” para a narradora em virtude das curas obtidas fizeram com que o dom de rezar fosse entremeado não somente ao ofício do costurar, mas que este fosse





mobilizado no interior da cosmologia da rezadeira como pano de fundo cósmico na própria relação com os encantados.

Produzir a proteção e produzir a produção das rezas obtidos por meio da máquina de reazar não significa que o objeto máquina de costura operou a multiplicação da feitura de mantas e roupas, e, portanto, de rezas. Se trata de compreender que o que chamamos de “máquina de costura”, no contexto da narradora, é parte significativa de sua relação com os encantados, lembremos que a máquina é parte do altar na casa da rezadeira, disposta com santos, velas e algumas cabeças de alho em suas gavetas. Rezadeiras, pajés e curadores, tem em sua residência um espaço com tais características, destinados às orações, penitências e proteção, seriam locais ou “pontos” de introspecção com os santos, espíritos ou encantados. A máquina de reazar em questão é uma máquina que intensifica ou produz intensidade com as entidades, a máquina, assim como tudo que existe, pode ser agência dessas ontologias.

A mobilização dos encantados plasmados entre o ato de reazar e a dinâmica das costuras transfigurou ontologicamente a máquina de costura em Máquina de Reazar.



Fig. 02. Máquina de Rezar – Máquina de Proteção. Pesquisa de campo, Jerônimo Silva, 2013.



## O mundo é um pé de mandioca

A proteção – reza/roupa – permanente é necessária para cobrir o corpo, este não é dotado de “fechamento natural”, aliás, na compreensão da narradora todo corpo é aberto “como um pé de Mandioca”, isto é, dotado da capacidade de absorção, tendo na sua composição forte sensibilidade aos elementos minerais do local de onde fora cultivado, portanto, sendo visível todo o “atravessamento” do solo como uma abertura *no* mundo. Aqui não se trata, se minhas leituras das notas de campo estiverem corretas, de uma oposição entre “interior” e “exterior”, mas sim de uma composição rizomática, não do “nosso” corpo, mas do mundo. Passei a interpretar as experiências desse modo ao perceber que animais, roupas e árvores tinham o mesmo tratamento em algumas rezas.

Comecei a rezar desde criança, sabe? As primeira oração que fiz foi em animal de criação, rezei em porco, pavão, vaca. Minha avó dizia pra mim ir nos pé de planta fazer promessa, e eu ia falava as promessa debaixo pros abacateiro, bananeira, goiabeira e dizia assim: “se você botar minha cria boa, dou viva à Nossa Senhora, mando um maço de flor pra você, jogo nos pé (plantas) toucinho abrasado”. E as coisas iam na minha cabeça e eu prometia pros laranjal, rosas e bloquel de rosa pra deixar também na beira do rio. E num é que as conversa com as plantas davam certo?! Daí era quando sumia ou caia doente algum bicho, essa categoria era comigo. Mas eu agradecia e deixava manga, caju, farinha num cestão na beira do rio, quando dava fé, tinha ido se embora, os encanto do mar e as curupira levavam (...) mas as planta e os bicho também são agradecido, né?! Eu já nasci pra rezar e gosto de conversar, mas digo que a pessoa que reza deve ter compreensão, né? O mundo é um pé de mandioca! Tem que ter saúde boa pra aguentar o que entra e sai do quengo, né? Mãe Ana, 101 anos. Depoimento citado.

Rezar para recuperação de animais doentes ou perdidos, conversar com as plantas para que deem frutos, oferecer laranjas para bananeiras, bananas para roseiras, rosas para os encantos dos rios e matas, fazer promessas a santos através de árvores e agradecer plantas com pedaços de toucinho assado transparecem como ensinamentos repassados pela sua avó, uma pessoa que, além de ter convivido entre 1913 e 1918, portanto na tenra infância, era considerada como “uma das primeiras mulheres a ter escapado da lei da escravidão”. Para Mãe Ana os ensinamentos de sua avó foram obtidos diretamente dos encantados da água salgada, “do fundo mesmo”, assim eram tidos como “fortes”.

Se, como visto anteriormente, todo corpo é aberto – não digo passível de influências – mas notadamente *feito* mediante o fluxo de afetos e/ou forças, a proteção ou fechamento do corpo nas rezas significa mais uma cobertura contra coisas especificamente indesejáveis do que a montagem do corpo como um invólucro, propriamente dito. Sinalizo a possibilidade de que,



nesse sentido, o corpo de plantas, árvores e animais também são abertos – sendo passíveis de serem fechados. Ao observar a capacidade de goiabeiras, por exemplo, de curar novilhos e pavões doentes se colocados sob a sua raiz, ou de bananeiras conduzirem porcos perdidos na mata de volta ao criador, igualmente, o que dizer de cajueiros que se alimentam de farinha de mandioca, goiabeiras que se deliciam com toucinho de porco assado ou de roseiras que recebem como agradecimento cesta de bananas?

Desse modo, a vulnerabilidade de plantas e demais animais ante as eventualidades do clima, virtuais desorientações, doenças e morte faz com que a proteção e busca de rezas seja uma demanda extensiva de todos os seres. No diálogo com as pesquisas de Azevedo & Barros (2013:862-878), onde o pesquisador permite visualizar a relação dos moradores de Maracapucu, município de Abaetetuba com a “Mucura”, saberes e códigos na interação com especificidades deste animal, apontando, por sua vez, certas especificidades da região. Da mesma forma, vale a pena mencionar os avanços nesta temática na Dissertação de Mestrado de Cléver Sena (2014), principalmente ao depreender num terreiro de Candomblé as apropriações e vínculos culturais entre as pessoas e animais diversos, dentre outros, nas práticas de sacrifícios.

Há, portanto, nesses elementos, não apenas relações entre animais não humanos e vegetais com animais humanos, mas parte conectada de um conjunto de participações articuladas aos conjuntos afetivos dos existentes em geral, intercambiando interesses, petições, proteções e conflitos. O Mundo é um *Pé de Mandioca!* Obviamente isso não resulta na composição de um “Todo” indiferenciado, e sim na totalidade mediante diferenças. Mãe Ana não deixa de se impressionar ao ver uma “cobra oceânica” entrar na sessão de um pajé e ser chamada de princesa pelos participantes de um ritual testemunhado há alguns anos, assim a corporalidade não deixa de ser um marcador significativo dos existentes. Sem dúvida, a ideia objetiva e/ou literal de uma árvore se alimentando de fruta, carne ou recebendo rosas é opaca em si, se não se permitir engendrar, ou *engerar* outras intencionalidades, parafraseando o termo de Wawzyniak apreendido com ribeirinhos na região do Tapajós (2008). Seria, pois, interessante intuir, se um corpo é dotado de abertura – entrar/sair –, qual a representatividade e a importância da noção de “alimento” elaborada na narrativa? Sigamos o relato de Mãe Ana:



De repente um pajé faz uma sessão e eu não vou não, mas sabe por que eu não gosto de ir? Porque eu vejo (...) Tinha uns doentes, mas meu irmão não sei não, era muito feio, uns cabeção, uns de só um olho, outros cheio de bicho, não, eu prefiro não porque esses espírito que baixa nesses pajé não é forma de cristão não meu filho! Um as cobras de tudo quanto é tamanho que desce pra terra, foi botou a cabeça na janela, uma cabeça que é uma monstra, botou a cabeça e começou a cantar (...) era uma Boiúna! Lá do meio do oceano e atravessou o mar sem canoa, se existe um bicho grande do oceano era ela, ô monstra de cobra. Um as alturas o rabo dela lá pra rua, e tinha umas escamas que batia no chão. Ela tomou a porta todinha. Depois foram defumando, defumando e ela se foi; olhe, quando ela largou a mulher que tava de branco essa caiu e parecia morta, foi, foi pegando ar e voltou pra si. Depois essa perguntou o que a princesa – veja, bem, Princesa!? - tinha ensinado, se era algum remédio. Olhei pra ela, quis dizer, princesa ou serpente? Meu Filho vou lhe dizer em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo! Essa é a pior sorte que tem pra uma pessoa, uma pessoa pra receber esse encantado tem de ser forte, ter uma força muito grande, porque alguma coisa ruim vem no meio, né? Pra matar a pessoa não custa nadinha. Isso tem um perigo das ruindade dos outros, né? Mãe Ana. Depoimento citado.



Fig. 03. “O Mundo é um Pé de Mandioca”. Rascunho pesquisa de campo, Jerônimo Silva, 2014.

Apesar do comentário aparentemente negativo a respeito das entidades que baixam em pajés e pessoas “abertas”, especialmente quando se refere a “forma” corpórea, entendida com aspecto “pavoroso” e distante das imagens correntes no interior do cristianismo, expressa aversão a esses locais, a narradora não nega a capacidade de ver, ouvir e conversar com os



encantados, pois reconhece a eficácia dos “remédios” concebidos no “fundo do encanto”, entenda-se, local de produção de afetos, associação, comunicado diretamente pela realeza marítima do fundo oceânico (VERGOLINO-HENRY, 2008, pp. 139-148; PEREIRA 2000; SILVA 2011). Não se identificar com a prática de pajés, sessões de tambor e a incorporação dos bichos do fundo e das águas não impediu Mãe Ana de ser iniciada nas linhas, ou como gostava de dizer, nas “contas” com as entidades.

### As Contas

Durante a pesquisa de campo muitos rezadores e curadores, em outras ocasiões ou viradas etnográficas, haviam me aconselhado a ignorar “vultos” e “vozes” da mata, pois caso levasse a sério, elas “iam se ajuntar para falar comigo”, reconhecer ou levar a sério a alteridade, muitas vezes mobilizam forças de atração sob os mesmos, assim, a questão não se trata da existência e eficácia das alteridades do fundo, e sim pelo reconhecimento, encontro ou conexão de olhar, serem “visto de entrada” de encantados no mundo das pessoas e vice-versa.

A bem de uma reflexão que não cabe nesse momento, por seu aspecto generalista, evangélicos, espíritas e católicos que frequentam – sorrateiramente – esses locais, ou que no passado foram praticantes, sustentam que uma “pequena brecha” dada aos encantados é o suficiente para que passem a acompanhá-los, isto é, passem a “sofrer” suas influências, serem *afetados*. Em outro contexto – o das etnografias ameríndias amazônicas envolvendo canibalismo e predação –, mas sem as mesmas implicações, o medo, com toda carga de sedução, é um apelo condicional *do* Outro, pois “se o humano aceitar o diálogo ou o convite, se responder à interpelação, estará perdido: será inevitavelmente subjugado pela subjetividade não humana e passará para o lado dela, transformando-se num ser da mesma espécie que o locutor.” (VIVEIROS DE CASTRO 2011; BARBOSA NETO 2012; FIGUEIREDO 2012).

Assim, a “brecha” mencionada pelos interlocutores não seria justamente a aceitação deste enquanto alteridade? O que significa ignorar o olhar e o fingir-se de surdo? Fazer com que eles (encantados) pensem que não são vistos ou ouvidos não seria, também, uma forma de, ao evitar ser reconhecido, fugir à captura cósmica? Mãe Ana faz coro com iniciados de outras localidades a respeito das estratégias de reconhecimento. Digo “estratégia”, pois, na situação em tela, a alteridade negada é requerida desesperadamente quando se trata de obter benefícios, o *eis-me aqui* torna-se uma condição para o sentido daquele que detêm o “dom”. Digo mais!



Às vezes quem finge não olhar, ouvir e mesmo a abandonar definitivamente – sem fingimento – são eles, os encantados! Vamos *fingir* olhar melhor.

O grande problema da relação com os encantados para a narradora seria, de um lado, justamente a incapacidade de controlar e prever a quantidade e qualidade (bondade/ruindade) das forças que atravessavam e vinham nesses coletivos. De outro, a pessoa seria alvo instantâneo do olhar e interesse de pessoas interessadas em roubar-lhe as “contas” (SILVA 2014; LAVELEYE 2008, pp. 113-120). Na relação entre humanos e encantados a tensão de forças em busca de apropriações e direcionamentos não sinaliza, apesar de assim o parecer, uma oposição dicotômica entre bem e mal, e sim indica que (para exemplificar) se a “ruindade” enfraquece e mata alguém, ela se comporta assim por estar associada a um conjunto de “contas” que não se “encaixam” ou fazem “pareia” (relação pareada, igualitária) com os arranjos entre os corpos. O sofrimento físico é o efeito desses arranjos. Curar e proteger também são formas de suprimir/destituir forças outras que denominamos de “doença”.

Talvez isso explique a noção de “tirar” a doença, deveras presente na narradora, a “cura” não é vista sob o ângulo de adoecimento da doença/morte da doença. Esta pode ir e voltar. Os mesmos afetos, forças e/ou intencionalidades responsáveis pela “doença” em um corpo, podem, em outros arranjos, estabelecer a “saúde” (MOTA 2007; RABELO, ALVES & SOUZA 1999; PEIRANO 1975; WAWZYNIAC 2008). Obviamente a questão da intencionalidade do encantado ou da pessoa voltada para atingir outrem “negativamente” não pode ser descartada, mas proponho que as ver, neste caso, no polo “feitiço” e “contrafeitiço” faz perder a valorização da “força” de quem está nessa relação, como lembra Mãe Ana: “Tem que ter uma força muito grande”.

Assim, a força do “médium” e a capacidade de proteger a si e aos outros é que vai determinar a presença e durabilidade das “contas” de seus respectivos guias. Nesse mundo da indeterminação e imprevisibilidade, o preparo e a atenção com quem se conversa e se toca, bem como os tipos de alimentos a serem ingeridos são porta de entrada e saída de inúmeras entidades. Além das informações dadas pela rezadeira, outras pessoas mencionavam, grosso modo, a presença de pajés e rezadeiras em Bragança, Quatipuru e Primavera detentores de resolver problemas tidos como mais sérios. A relação sugerida entre “feitiço” e “contrafeitiço” exige o deslocamento, aconselhamento e ajuda de outros experientes, mas o caso a ser descrito a seguir expõe de forma bem exemplar a seriedade da alimentação.



Tinha um cunhado que recebia os encantados, fazia um passe, recebia, cantava uns cânticos bonitos e ajudava muito os outros, lá um dia fizeram uma ruindade pra ele, botaram bicho no tacacá e ele quase morre, tiveram de soprar nos ouvido – era um pajé de Quatipuru –, mas ele ficou assim até o fim, tossindo sem parar. Disseram que essa “manda” havia vindo de outro pajé, da casa desse homem. Quando aparece gente aqui atrás de reza o pessoal de casa me diz: “Mãe Ana, tome cuidado, porque às vezes a gente não sabe, as vezes tem gente que vem e deixa ruindade, manda coisa de volta na encomenda!”. O pessoal me diz que essa dor que sinto nas pernas foi envio dos outros, tem noite que eu sinto uma coisa que morde, passa e anda pela perna toda, parece que tá vivinha, é uma peleja. Eu comparo com um oco de pau cheio de tapuru, com uns pau com lagartão dentro, uma coisa assim. Uma mulher me disse que foi uma coisa feita por uma pessoa que comia e bebia no mesmo prato que eu, ela disse que ela deixou um “beijo” pra mim quando eu dei de costa na porta. Perguntou: “tu quer ver esse beijo?”. Olhe, quando me mostrou, era um tapuru branco assim (tamanho do dedo indicador). Mãe Ana. Depoimento citado.

O “bicho” colocado no tacacá de seu cunhado, interrompendo as sessões, defumações e cânticos, enfraqueceu-lhe as “contas”, afastou os guias e vulnerabilizou o corpo. As “contas” são indicadas como minúsculas pedras colocadas pelos encantados no braço, “quase no mesmo lugar de tomar injeção”, nelas estão as especificidades do “dom” do “experiente”, não obstante serem passíveis de retirada, o espaço outrora ocupado precisa continuar preenchido, sob pena de causar a morte do portador. Qualquer movimento de passagem de “contas” pressupõe permutas ou “trocas”, não há espaço para movimentos unilaterais, assim, os casos observados são caracterizados pela colocação de “bichos”, “feitiços”, “manda” causando o “embaralhamento” das “contas”.



Figura 04. As “contas”, “cordas” ou “linhas” devem ser manuseadas com cuidado e em estreita relação com as afinidades dos encantados. Rascunho pesquisa de campo, Jerônimo Silva, 2014.

A “operação” que retirou o “bicho” do ouvido de seu cunhado demorou meses e foi obra de um pajé centenário conhecidíssimo entre os municípios de Quatipuru e Primavera. A alimentação esconde em sua aparência todo tipo de perigo e, por ser ingerida para o interior do organismo, vem “moendo a pessoa” por dentro. Parece-me que a “manda” ou “feitiço”, apesar de serem vistos como forças externas, para ter o efeito esperado precisam vir do “interior” do corpo. Adianto nesse caso a existência de uma cosmologia da Relação, alheia a qualquer ideia que pressuponha dualidade entre “interior/exterior”.

O conceito de alimentação destacado pela narradora tem um caráter cosmológico fundamental, pois no contexto etnográfico, animais, plantas e pessoas podem se alimentar, não somente uns dos outros, mas também do que os outros querem que se alimente; o alimento guarda intencionalidades que se efetivam após serem digeridos pela intencionalidade daquele





que devora. O “beijo”, o “toque” e o “olhar” são máquinas digestivas, não órgãos, para ficarmos com a imagem conceitual da “máquina”, tal como esboçada pela rezadeira.

A intensidade das doenças nas pernas foi lentamente impedindo-a de realizar as costuras de mantas, vestidos e cobertas, em dinâmica temporal coeva, também as rezas foram gradativamente diminuindo. Mãe Ana não gosta de falar sobre a diminuição das rezas, hoje, com 101 anos de idade, prefere atribuir ao cansaço e à falta de cuidado das “mães jovens”, embora reconheça, não sem relutância, o paralelo entre a atual incapacidade de costurar e a efetuação de rezas. Apesar de sempre negar experiências de incorporação e aprendizado com os encantados alega que, dentre elas, a Cabocla Mariana é uma das mais “formosas”, sendo comum na juventude ter oferecido “cestos de rosa e frutos no mar”, o que deixou de fazer há mais de trinta anos. Lembra com olhar distante, os diversos momentos em que buscou “consultas” de outras pessoas mais “sábias”, solicitando – na impossibilidade de se deslocar fisicamente – a conhecidos que levassem mantas e roupas para que fossem benzidas (DE LUCCA 2010).



Fig.06. Às vezes, ao falar das contas, pegava no terço. Foto da pesquisa, 2013.

Considero enigmático que as mantas protetoras costuradas por ela com pontos de costura e reza em auxílio a muitos desassistidos, agora, também elas, sejam o resquício de esperança para potencializar suas “contas” junto a seus pares. Se outrora me aconselhou a evitar sessões de tambor e pajelança, na circunstância em que se encontra, citou inúmeras experiências de cura e ajuda promovida por essas pessoas, desvelando uma rede de contato de curadores de



todos os tipos e “capacidades”, dotadas de “contas da terra” (fracas) e “contas do mar” (fortes), pois ainda que não houvesse formas de aprendizado e troca de informação pessoal, muitos desses mestres da encantaria reconheciam-se uns nos outros pelas “marcas” deixadas nas rezas, benzeduras, “serviços” e “objetos” que seus requerentes passaram a carregar nos corpos para o resto da vida.

Mãe Ana denomina de “rastros” ou “trilha” as marcas que rezadores e curadores deixam no corpo de um “cliente” qualquer, semelhante, penso eu, por analogia “induzida”, às marcas de cirurgias – os locais das “contas” no braço dela era o mesmo onde era aplicada injeção. Essa forma de comunicação permite intuir que o percurso trilhado por Mãe Ana, se trata tanto da busca da recomposição das “contas” quanto de um conjunto de informações cósmicas com essas alteridades sobre a “qualidade”, “quantidade” e “mudança” dos encantados associados às “contas”!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fui advertido severamente por Mãe Ana a não frequentar sessões de pajés, pois o meu corpo, sendo aberto, poderia contrair doenças e outros “problemas”. Durante certo momento fui questionado sobre o meu interesse por esse tema. Com olhar de profunda desconfiança e temor perguntou se queria ser um Pajé também, a possibilidade de eu estar interessado na ciência dos encantados e de alguma forma obter conhecimentos não permitidos ou ainda não autorizados, fizeram-na, penso eu, a desacelerar a narrativa e manter-se lacônica, alterando o tom de voz para um sentido de exortação, embora não falasse diretamente comigo, era como se estivesse mandando um recado a “terceiros”.

O nosso corpo aqui recebe e manda de tudo, quando vem um botar coisa eu aviso logo: “te cuida porque tu não aguenta uma ripada de rosário bento ou uma cipoada de cordão de São Francisco!” (...) Porque seu menino, o meu ideal que eu tenho não foi ideal de ninguém, eu não roubei conta de ninguém e nunca precisei, mas tem gente que vai na casa de fulano e sicrano e pega conta dos outros, mas na troca manda as contas feia que vem junto pra ti, troca essas imundície, gente da face do Cão, aí vive trocando e pegando a dos outros. Olhe quando tiro as contas dos outros a pessoa perde o ideal e aí nunca mais vira o mesmo. Vou dizer uma coisa, não se mande com brincar na sala ou canto de pajé; olhe o senhor deve se benzer pra fechar o corpo. Às vezes (encantado) aparece uma voz falando comigo à noite, dando conselho e ajuda, só sei dizer que nesse lugar tem gente que não gosta de mim (...) as filhas de D. Sebastião que vive com ele no mar, esse rei tá com os encantados, Mariana, Jarina, José Tupinambá (inaudível) eles descem quando fazem boa cura. Tinha uma mulher em Pirábas que até mataram pelo feitiço de outros, foi em Primavera na época buscar cura com um homem que falava com Rei Sebastião lá do fundo esse é um (pajé) das antiga,



quando me entendia aqui já era requerido. Mas ele não deu jeito na Maria não, morreu mesmo (...). Oração secreta ensinada em sonho essas são as melhores orações e acordar sabendo de tudo pra benzer os outros. Isso é um contrato com Deus, certo? Mãe Ana, 101 anos. Depoimento citado.

Além de guardarem as características e poderes desses sujeitos, e de serem agências de permuta, “trocas” e “roubos”, as “contas”, afetam o “ideal” de seus portadores. Percebo no tom repreensivo da rezadeira uma leitura negativa da perda de especialidades mediante alteração das “contas”, entretanto, se observarmos o conjunto das memórias, nota-se direta ou indiretamente que a interlocução e troca de saberes com outros sujeitos está presente em inúmeras situações. Recorrendo as notas do caderno de campo lembro que a demorada admoestação sobre o fechamento do corpo é concomitante à curiosidade sobre que tipo de professor era e, por consequência, se também buscava tornar-me pajé (Devir-Pajé?).

As noções elaboradas por Mãe Ana não nascem de uma reflexão conceitual e metodológica como as que se exigem nos postulados da ciência ocidental, nem tão pouco são operados para se estabelecer um tipo de autoridade ou poder sobre aqueles que não o detêm. “Máquina de Rezar”, “Pé de Mandioca” e as “Contas” são noções elaboradas na experiência mesma com os encantados, com a rede de contato de curadores e pajés e por fim nas artes de cura desenvolvidas ao longo de sua existência. Tais noções denotam, respectivamente: a. a produção e multiplicação dos arranjos ou agências dos encantados em sua relação com os humanos; b. a porosidade de um mundo constituído, não pela oposição entre os corpos (exterior/interior), e sim por seus atravessamentos. Ressalta-se ainda o fato de que nesta perspectiva o mundo é um todo enraizado na terra (tal como a raiz da mandioca), mais precisamente no interior da terra, local da morada dos encantados; c. a existência de pontos de engate (contas) no qual os encantados se agrupam a partir de suas especificidades (linhas ou contas de cura, proteção, malfazejo, divinação etc.), atraindo e sendo atraídas, por outro lado, por pessoas com o dom de coparticipar de seus predicativos.

Embora não se possa negar que a existência de uma série de reflexões acadêmicas sobre os elementos apresentados acima, há menos interesse em apontar neste artigo certo “ineditismo” no relato de Mãe Ana e mais uma tentativa de apreciar a forma como o constrói, isto é, trata-se de percurso eivado de um saber que não se compartimenta entre “pensamento” e “ação”, “teoria” e “prática”, ou qualquer “fórmula” que unifique tais dicotomias. O que há é um saber perfilado na intensidade (“Máquina de Rezar”), no aprofundamento no local mesmo



onde desde sempre pisamos (“Pé de Mandioca”) e nas formas encantatórias que fazem os corpos se abrir a outras ontologias (“Contas”).

A ciência praticada por Mãe Ana não é uma alternativa ao modelo científico ocidental, nem tão pouco uma forma de opô-lo, a ciência de Mãe Ana é uma forma de compreender a disposição e interlocução de corpos distintos neste enlaçamento coletivo que superficialmente denominamos de “mundo”. Essa tarefa me parece ser possível através da abertura ao encantamento, não o encantamento enquanto mistificação ou irracionalidade, e sim aquela antiga e sempre esquecida habilidade corajosa de se deixar encantar (MIGNOLO 2010; SAHLINS 2011). Penso que se deixar encantar, nestes termos, poderia ser muito enriquecedor para os que pesquisam os encantados e as encantarias no Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLERT, M. **Cidade relicário: uma etnografia sobre terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ASSUNÇÃO, L. Os Mestres da Jurema in **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres caboclos e encantados**. Editado por R. Prandi, pp. 182-215. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

BARBOSA NETO, E. R. **A Máquina do Mundo: variações sobre o politeísmo em coletivos afro-brasileiros**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2012.

CASCUDO, L. C. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo: Edusp, 1983.

CAVALCANTE, P. C. **De “nascença” ou de “simpatia”: iniciação, hierarquia a atribuições dos Mestres na Pajelança Marajoara**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.

DE LUCCA, T. T. **Tem Branco na Guma: a Nobreza Europeia Montou Corte na Encantaria Mineira**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

DE SOUZA, J. **Ye'Pá Bahuari-Mansô Büren Ümükoho e Antropologia/etnografia. Mãhsinsé Yepamahsã, "Tukanoan" Põrã Candomblé Cruzado com Umbanda, Manao**



**Tó Wateró.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FERRETTI, M. **A Encantaria de “Barba Soeira”: Codó, capital da magia negra?** São Luís: Siciliano, 2001.

FERREIRA, P. **Música Eletrônica e xamanismo: técnicas contemporâneas do êxtase.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade de Campinas, São Paulo, 2006.

FIGUEIREDO, N. Todas as divindades se encontram nas “encantarias” de Belém in **Antologia do Folclore Brasileiro.** Editado por A. Pellegrini Filho, pp. 109-111. São Paulo: EDART, 1982.

FIGUEIREDO, A. M. **A cidade dos Encantados: Pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia,** Belém: Edufpa, 2008.

FIGUEIREDO, M. V. **Das participações míticas: reflexões sobre o perspectivismo e o axé.** 36 Reunião Anpocs. Águas de Lindóia, 2012.

GALVÃO, E. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa em Itá, Amazonas.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1975.

LAVELEYE, D. Distribuição e heterogeneidade no complexo cultural da “pajelança” in: **Pajelanças e Religiões Africanas na Amazônia.** Editado por R. H. Maués; G. M. Villacorta, pp. 113-120, Belém: Edufpa, 2008.

MAUÉS, R. H. **A ilha encantada: medicina e xamanismo.** Belém: UFPA, 1990.

\_\_\_\_\_. **Padres, Pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia.** Belém: Cejup, 1995.

MIGNOLO, W. **Desobediência epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidade y gramática de la descolonialidad.** Buenos Aires: Del Signo, 2010.

MOTA, C. F. S. **Doenças e Aflições: o processo terapêutico e o uso de plantas medicinais na pajelança maranhense.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, S. Luís, 2007.



MOTA NETO, J. C. **A Educação no Cotidiano do Terreiro: Saberes e Práticas Culturais do Tambor de Mina na Amazônia.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

OLIVEIRA, E. R. **Doença, Cura e Benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983.

OLIVEIRA, K. C. D. **Curandeiros e pajés numa leitura museológica: o Museu do Marajó Pe. Giovanni Gallo – PA.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

SARRAF-PACHECO, A. Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas Práticas de cura e (in) tolerâncias religiosas. **Horizonte** 8(17): 88-92, 2010.

PEIRANO, M. **Proibições Alimentares numa comunidade de Pescadores.** Dissertação de Mestrado em Antropologia. Brasília: UnB, 1975.

PEREIRA, M. J. F. **O imaginário fantástico de Ilha dos lençóis: um estudo sobre a construção da identidade albina numa ilha maranhense.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

PINTO, B. C. **Filhas das matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina.** Belém: Açaí, 2010.

PRANDI, R. **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados.** Editado por Reginaldo Prandi Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

RABELO, M. C. M.; ALVES, P. C.; & SOUZA, I. M. A. Signos, significados e práticas relativas à doença mental In **Experiência de Doença e Narrativa.** Editado por Rabelo, M. C. M.; Alves, P. C.; Souza, I. M. A. (eds.). Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 43-73, 1999.

SANTOS, M. L. **Xamanismo: a palavra que cura.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2007.

SAHLINS, M. **Ilhas da História.** 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, J. **“No Ar, na Água e na Terra”: Uma Cartografia das Identidades nas Encantarias da “Amazônia Bragantina”.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, Universidade da Amazônia, Belém, 2011.



\_\_\_\_\_. **Cartografia de Afetos na Encantaria: narrativas de mestres na Amazônia Bragantina** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

\_\_\_\_\_. Tarrafa, Anzol & Flecha: tecnologia Xamânica de predação entre humanos e encantados no nordeste paraense. **Revista Antropológicas**, 29(1): 28-57, 2018.

SILVA, Joel Pantoja. **Patrimônios, narrativas e encantaria no Marajó** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

VERGOLINO-HENRY, A; FIGUEIREDO, A. N. **A Presença Africana na Amazônia Colonial: Uma notícia histórica**. Belém: Arquivo Público do Pará, 1990.

VERGOLINO-HENRY, A. Um encontro na encantaria: notas sobre a inauguração do “Monumental Místico Rei Sabá” in **Pajelanças e religiões africanas na Amazônia**. Editado por R. H. Maués; G. M. Villacorta, pp. 139-148. Belém, 2008.

VILLACORTA, G. M. **Rosa azul: uma xamã na metrópole da Amazônia. Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O medo dos outros. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, V. 54 (2), 2011.

WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília, INL, 1977.

WAWZYNIAK, J. V. “Engerar”: uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo. **Ilha**. 5(2): 33-55, 2003.

\_\_\_\_\_. **Assombro de olhar de bicho: uma etnografia das concepções e ações em saúde entre os ribeirinhos do baixo Tapajós, Pará**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008.

**Artigo recebido em: junho/2022**

**Artigo aceito em: novembro/2022**